

A CIDADE E AS SERRAS: UMA LEITURA

A CIDADE E AS SERRAS: A READING

Sérgio Luiz Ferreira de Freitas¹

RESUMO: O presente artigo possui interesse em analisar dois textos de Eça de Queirós: o conto *Civilização* (1892) e o romance *A cidade e as serras* (1901). Estabeleceremos primeiramente uma leitura comparativa entre o Romance e o Conto, elencando pontos de diferenciação; feito isso buscaremos mapear a caracterização dos personagens centrais, tentando com isso expor as crises do homem dito “moderno”.

Palavras-chave: Eça de Queirós; ambiguidade; comparação.

ABSTRACT: This article has interest in analyzing two texts of Eça de Queirós: the short story *Civilização* (1892) and the novel *A cidade e as serras* (1901). First we will establish a comparative reading between the novel and the short story, listing points of differentiation; done that we will seek to map the characterization of the central characters, trying to expose this crisis man said "modern".

Keywords: Eça de Queirós; ambiguity; comparison.

Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos
Com as coisas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seriam melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.

¹ Graduando em Letras Português, Bacharelado em Estudos Literários, UFPR.

Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!
(Alberto CAEIRO. Fernando PESSOA. *Poemas inconjuntos*. Lisboa: fevereiro de
1925).

Este artigo buscará, de maneira sucinta, estabelecer um estudo comparativo entre o conto *Civilização* (1892) e o romance *A cidade e as serras* (1901), ambos do escritor português Eça de Queirós (1845–1900). Para tanto, buscaremos primeiramente pontuar semelhanças e diferenças que constituem processos de escolha estética do autor. Em seguida, será observada a caracterização dos personagens centrais – o narrador José Fernandes e Jacinto – e que lugar eles ocupam no desenvolvimento desses dois enredos, considerando suas ambiguidades, contradições e similitudes.

O conto *Civilização*, publicado originalmente em 1892 na “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro, pode ser considerado como uma matriz para o romance *A cidade e as serras*, escrito entre 1893 e 1894 e publicado em 1902, dois anos após a morte do autor. Os dois textos compartilham seus personagens centrais e a dinâmica do enredo. Ambos tratam da história de Jacinto, morador de um centro urbano, homem rico que busca cercar-se de tudo o que a sociedade burguesa, dita civilizada, lhe é capaz de fornecer em termos tecnológicos e intelectuais, visando tornar-se um homem contemporâneo por excelência. Mas toda essa busca parece não trazer satisfação para Jacinto, que com o passar do tempo, vai sendo tomado por um grande tédio, preguiça e desinteresse pelas riquezas civilizadas que possui. Essa melancolia chega a desgastá-lo fisicamente, transformando-o de um homem jovem e saudável em uma pessoa curvada e pálida. Em determinado ponto das narrativas, Jacinto desloca-se para a zona rural e, nesse movimento, passa por desventuras e complicações, gerando um choque espacial e culminando com a renovação espiritual do personagem, que troca todas as mordomias do centro urbano em que vivia pela singeleza da vida no campo. Todas

essas informações nos são dadas pela perspectiva do narrador e amigo de Jacinto, José Fernandes.

Basicamente, a estrutura dos enredos se sustenta no contraste entre o espaço urbano e o rural. Muitas das frases e períodos presentes no texto de 1892 foram reaproveitados na construção do Romance, porém é nas diferenças que reside nosso maior interesse. Olhemos, por exemplo, para a residência de Jacinto. Em *Civilização*, Eça de Queirós não nomeia a cidade na qual o personagem vive, mas há de se supor que seja Lisboa, a única grande cidade portuguesa no período em que a narrativa se passa. A casa em que mora é um palacete chamado *Jasmineiro*, local em que Jacinto recebe com frequência o Bispo e algumas vizinhas de caráter provinciano. Enquanto isso, o Jacinto de *A cidade e as serras* é muito mais civilizado. Ele reside no número 202 do endereço mais nobre da cidade mais civilizada do mundo: Paris. Em seu palácio francês, o personagem recebe personalidades políticas, intelectuais e a nobreza.

Outra diferenciação importante a se frisar entre o conto e o romance é a construção da imagem primordial de Jacinto. Os textos parecem trazer uma defesa da troca da cidade pelo campo — não apenas sob uma perspectiva geográfica, mas também abarcando questões morais e de construção de identidade que essa troca é capaz de elucidar. Dessa forma, essa troca de espaço se traduz de maneiras distintas entre o Jacinto do Conto e o Jacinto do Romance. No primeiro, Jacinto é um cidadão português, e sua ida para o campo representa um retorno às origens agrícolas de Portugal. Vivendo em Lisboa ele busca com verdadeiro empenho tornar-se um homem moderno, pois viver em Portugal no século XIX, mesmo que na capital, exigia grande esforço para fazer com que os frutos da modernidade europeia lá chegassem. Essa busca gera uma modernidade artificial, posto que a realidade portuguesa era a de uma população e caracterização geográfica esmagadoramente rurais. A ida para a quinta de Tormes representa um reencontro com as verdadeiras raízes portuguesas e o abandono do artificialismo urbano. Já o Jacinto de *A cidade e as serras* não é um

cidadão português². Sua família saíra de Portugal havia duas gerações, devido a desencontros políticos de seu avô. Sendo assim, Jacinto nasceu e foi criado em Paris, no meio do turbilhão e da efervescência civilizatória. Para o Jacinto do romance, ir para o campo, para Tormes, não constitui de fato um retorno, visto que ele nunca pisara em terras portuguesas. Seria a primeira vez que estaria no solo de seus ancestrais. Para esse Jacinto, a viagem seria uma verdadeira aventura em um lugar exótico. Ele teme deixar Paris e ir para um lugar que sequer considerava ser a Europa. As únicas conexões que possui diretamente com Portugal são a origem de sua família e, em certa medida, a sua própria, seu criado negro, de nome Grilo, seu amigo e narrador, José Fernandes e, é claro, todas as suas propriedades e rendimentos, de onde vinha a maior parte de sua fortuna. Viajar para o interior de Portugal pode ser visto como um ato de obrigação familiar, posto que Jacinto só decide ir para Tormes após ser notificado de que os ossos de seu avô, sepultados na capela da propriedade – que havia sido danificada por uma tempestade –, seriam enterrados em um novo depósito. Para tanto, seria realizada uma cerimônia, e Jacinto julgava necessária sua presença.

Há uma diferença entre o conto e o romance que constitui de forma importante o conflito entre o lado “artificial” e o lado “natural” da vida. A escolha de Eça de Queirós para o desfecho do conto é radical: Jacinto recusa toda a modernidade em favor da vida agrícola, natural. José Fernandes, seu amigo, chega a retornar à mansão de Jacinto, em Lisboa, e descrever o estado de abandono de todos os seus pertences ultracivilizados.

Ao descer, penetrei no gabinete de trabalho de Jacinto e tropecei num montão negro de ferragens, rodas, lâminas, campainhas, parafusos... Entreabri a janela, e reconheci o telefone, o teatofone, o fonógrafo, outros aparelhos, tombados das

² O fato é percebido por Paulo Franchetti em sua apresentação ao romance *A cidade e as serras*. Seu texto, além de uma apresentação, é um ensaio sobre a obra de Eça de Queirós e seus dilemas.

suas peanhas, sórdidos, desfeitos sob a poeira dos anos. Empurrei com o pé este lixo do engenho humano. A máquina de escrever, escancarada, com os buracos negros marcando as letras desarraigadas, era como uma boca alvar e desdentada. O telefone parecia esborrachado, enrodilhado nas suas tripas de arame (QUEIRÓS, 1988, p. 34).

Já a escolha de Eça para o fim do romance não nos dá a chance de apontar tal radicalismo. O Jacinto de *A cidade e as serras* parece buscar certo equilíbrio entre o “natural” e o “artificial”, utilizando-se de alguns recursos para facilitar minimamente sua vida campestre. Um exemplo é a utilização do telefone na casa de campo. O equipamento que em outros tempos lhe servia como um meio de manter-se informado e conectado com a sociedade civilizada, de modo a se atualizar e socializar, no fim é utilizado de forma oposta, para que Jacinto possa se manter em Tormes, isolado do mundo, usando o aparelho apenas para solucionar urgências.

[...] Mas, decorridas semanas, tremi. Aparecera, vindo de Lisboa, um contramestre, com operários, e mais caixotes, para instalar um telefone!
— Um telefone, em Tormes, Jacinto?
O meu príncipe explicou, com humildade:
— Para casa do meu sogro!... Bem vê.
Era razoável e carinhoso. O telefone, porém, sutilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacinto, alargando os braços, quase suplicante:
— Para casa do médico. Bem. Compreendes...
(QUEIRÓS, 2008, p. 294).

Por muitos anos, alguns críticos consideraram esse posicionamento de Jacinto em ambas as obras como sendo um sinal de apaziguamento, como se Eça de Queirós tivesse baixado o tom de suas avaliações sociais³. Mas o que se percebe por intermédio

³ Sobre tal questão, citamos a proposição de Maria Filomena Mónica, feita na biografia *Eça de Queirós*: “Ainda hoje, tanto a esquerda como a direita continuam a discutir o assunto. Apropriando-se de *A Cidade e as Serras* e de *A Ilustre Casa de Ramires*, a direita considera-o um nacionalista, enquanto a esquerda mantém a sua tese de que Eça teria sido, na juventude, um radical, que, depois, se transviara. Em 1945, ano do centenário de nascimento de Eça, os campos ideológicos extremaram-

de uma análise mais acurada é que em *A cidade e as serras* o autor manteve suas críticas. O que se faz presente, especialmente no romance, é uma visão que relativiza a busca pelo progresso, que leva em conta possíveis fatores negativos da modernidade urbana, ao mesmo tempo em que aponta para a negatividade presente também no campo e seus atrasos sociais. Vale mencionar que a ironia maior de Eça está na solução para o duelo cidade *versus* campo apresentado em *A cidade e as serras*: o equilíbrio entre os dois espaços só é possível de ser alcançado pelos ricos e abastados, que podem gozar das riquezas do campo sem precisar trabalhar de fato na terra, como um camponês. José Luiz Foureaux de Souza Junior, em seu artigo intitulado “Entre o campo e a cidade: ou, de uma sabedoria desconhecida”, diz acerca da adequação de Jacinto ao campo:

Num salto final, tal argumentação conclui que todos os problemas são simplificados pela excelente situação monetária do protagonista, que lhe permite usufruir as vantagens da vida rural sem a contrapartida do trabalho e das privações do trabalhador agrícola (SOUZA JUNIOR, 2010, p. 215).

Ao ironizar a estrutura de desenvolvimento científico de sua época, Eça encontrou na voz de José Fernandes, o narrador, um grande aliado. E para melhor observarmos essa participação devemos analisar a caracterização dos personagens centrais. Para isso, será utilizado como principal ponto de apoio o texto de apresentação de autoria de Paulo Franchetti, já citado anteriormente.

Começaremos por Jacinto, com uma observação muito importante: esse personagem nos é apresentado pelos olhos e julgamentos do narrador, José Fernandes, seu amigo. Tudo o que sabemos sobre Jacinto passa pelo filtro desse narrador, que também é personagem e utiliza certo tom memorialístico, tanto no

se. A esquerda, dominada pelos comunistas, privilegiou o Eça da juventude; a direita, comandada pelos próceres de Salazar, concentrou a sua admiração nas últimas obras” Mónica (2001 apud NERY, 2006, p. 17-18).

conto, quanto no romance. Logo na abertura dos textos temos uma frase que designa exatamente de quem se tratará a história⁴. Fica claro que a narrativa circulará em torno de uma classe social muito específica, a dos abastados.

Apesar de toda a riqueza, e de estar cercado de tudo do que há de mais moderno e culto, Jacinto nos é mostrado inserido em um mar decadentista, no ocaso, no tédio, buscando sensações novas e com mais intensidade, as quais o progresso tecnológico não mais lhe oferecia. Essa escolha estética por parte de Eça de Queirós coloca-o alinhado a uma reação antinaturalista da literatura de fim de século, que não mais dava crédito ao progresso técnico e mergulhava em uma grande onda de pessimismo, no *spleen*⁵ de Baudelaire e no cansaço da civilização. Essa estética decadentista presente em Jacinto — e que será muito útil para os interesses de José Fernandes, como veremos mais adiante — está presente tanto em *Civilização*, quanto em *A cidade e as serras*. Porém, o Jacinto do conto é um personagem muito mais plano, superficial, sem traços psicológicos profundamente relevantes, assim como o narrador, reduzindo o conto apenas a uma história de superação, enquanto que o romance se constrói com complexidade estrutural e de personagens.

Mas Jacinto não se constitui apenas de tédio. Paulo Franchetti (2012, p. 27) aponta que a caracterização desse personagem se divide em duas fases: a do início e a do fim do romance; uma de ausência de satisfação, e outra de plenitude; uma de tristeza e outra de animação. O ponto de mudança das fases de Jacinto mostra que tanto o conto como o romance são textos muito voltados para os aspectos espaciais da cidade e do campo, pois é a troca de um pelo outro que desencadeia o processo de redenção. Mas tão importante quanto entender essas duas fases, é perceber que o

⁴ No romance: "O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival." (QUEIRÓS, 2008, p. 57). No conto: "Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda e pingues terras de pão, azeite e gado." (QUEIRÓS, 1988, p. 11).

⁵ *Spleen* (do inglês, baço), na literatura pós-baudelairiana é um termo utilizado para designar o tédio e o fastio supremos.

Jacinto do romance não deixou para trás todos os seus traços de personalidade. Visto que a resolução de Eça de Queirós para os problemas do romance era encontrar um ponto de equilíbrio entre civilização e meio rural, apesar de entrar para o jogo da vida rural Jacinto manteve parte de seu dandismo baudelairiano⁶. No fim do romance isso se comprova, como afirma Paulo Franchetti quanto à adaptação de Jacinto ao campo:

[...] o motivo principal de suas ações, principalmente nos tempos de adaptação, nunca é de ordem sentimental ou econômica, mas sim de caráter estético. A miséria dos camponeses o deixa horrorizado como um canto mal pintado ou um quadro bucólico (FRANCHETTI, 2012, p. 28).

De fato, as motivações iniciais de Jacinto quanto à modificação e modernização de sua propriedade no campo correspondem a algo muito mais estético do que social. O posicionamento que toma como base a justiça levada à sociedade aparecerá de maneira gradual – se é que de fato aparece. Podemos encarar a postura de Jacinto mais como estética e imediatista do que evidentemente socialista quando nos damos conta de que as transformações que opera estão limitadas às terras em que reside. O narrador não nos dá notícias de que essas modificações ocorreram em outras propriedades, e isso abre espaço para se desconfiar da benevolência e benfeitoria de Jacinto e, também, de um hipotético tom otimista que alguns críticos costumam dizer haver na solução equilibrada do embate entre o campo e a cidade. Ao que parece, Eça continua desconfiado desse equilíbrio, afinal, como lembrado por Alexandre Pinheiro Torres (1989, p. 67): “[...] mas também não é por acaso que a única pessoa de Tormes que o vê [Jacinto] como ‘pai dos pobres’ [...] é o louco João Torrado, o ‘profeta da serra.’” É mais verossimilhante encarar a transformação do personagem dessa forma, pois se desde sua primeira atitude transformadora ele agisse em tom de justiça, todos

⁶ O dândi é o homem que, nascido e criado no luxo aristocrático, tem um sensível senso estético, sempre exibindo elegância e refinamento. Além disso, o dândi também é o indivíduo que busca incessantemente o que considera “belo” para satisfazer seus caprichos.

os capítulos anteriores, construídos de forma a apresentar um Jacinto ultracivilizado, intelectualmente engajado em uma causa própria de evolução do cidadão e relutante em se locomover para o campo, se tornariam vazios e tirariam a credibilidade do personagem.

A caracterização final e aparentemente equilibrada de Jacinto em *A cidade e as serras* é aceitável, diferentemente do desfecho do personagem em *Civilização*, que, apesar de algumas poucas reclamações quanto às adversidades do campo, parece converter-se com muita facilidade, deixando o personagem pouco verossímil.

Agora, tratemos do personagem que é muito mais complexo do que Jacinto. José Fernandes, membro de uma pequena burguesia nacional portuguesa, é o narrador e faz par com Jacinto como personagem central, no conto e no romance. A exemplo do narrador típico descrito por Walter Benjamin em seu texto *O narrador*, de 1936, José Fernandes sabe dar conselhos — aliás, é o que mais faz ao longo do conto e do romance — e vem de terras distantes, não apenas em caráter geográfico, mas também de uma distância ideológica e filosófica. Ele se posiciona no texto quase como um pesquisador que possui uma tese e irá comprová-la narrando um exemplo prático. Sua tese (e que fique claro que a tese é de José Fernandes enquanto narrador, e não de Eça de Queirós) é a de que a felicidade reside no abandono da artificialidade e da complexa vida no centro urbano, e na adoção e revalorização da tomada do meio rural como fonte de felicidade e prosperidade. Para comprovar sua tese, José Fernandes usará Jacinto como seu exemplo máximo. Sua preocupação, na realidade, recai mais na destruição da cidade do que na exaltação do campo, posto que na maior parte de *A cidade e as serras* o narrador retrata em tom irônico episódios em que os elementos da civilização falham, gerando situações embaraçosas e mesmo cômicas. Seu tom é irônico e contraditório, pois mesmo tentando comprovar sua tese, José Fernandes não consegue deixar Paris e a civilização para trás. Jacinto, quando vai para o campo, nunca mais retorna, mas José Fernandes não consegue deixar de ir e voltar para a

civilização, sempre maravilhado com seus avanços, chegando a haver uma inversão de papéis ao final, mostrando que sua narrativa não se baseia apenas no testemunho de uma transformação espiritual em Jacinto, mas ele, o José, também sofre uma mudança com a observação da experiência do amigo.

Essa ambiguidade presente no narrador aponta para um caráter contraditório que dá o sabor cômico no romance e no conto. A contrariedade e a ambiguidade de sentimentos com relação aos avanços tecnológicos e ao pertencimento ao campo, típicas do sentimento humano na virada do século XIX para o XX e que se embrenha no movimento modernista, como apontado por Marshall Berman em *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (1998), vão permear toda a narrativa, e apresentam-se de maneira mais intensa no fato de que José Fernandes não consegue comprovar sua tese com facilidade. Ele precisa, a todo o momento, monitorar os passos de Jacinto, para que este possa continuar servindo de exemplo vivo de comprovação da superioridade do campo sobre a civilização. Mesmo tentando mostrar que conhece a fundo seu amigo, José Fernandes não confia nele o suficiente para deixá-lo muito tempo sozinho, com medo de que Jacinto não resista e caia na tentação de retornar para a cidade. Na realidade, José Fernandes não conhece Jacinto de todo, mas apenas fragmentos de sua personalidade e, como diria Antônio Candido em *Personagem do romance* (1998, p. 56), “Os seres são, por natureza, misteriosos e inesperados”.

Em suma, José Fernandes não consegue para si o equilíbrio que Jacinto, seu “príncipe”, como ele normalmente o refere, conseguiu. Ao fim do romance, vemos um narrador que, no campo, sente saudades da efervescência e variedade tecnológica da civilização, e quando viaja para a cidade, sente grande vazio e exulta as exuberâncias do campo.

No caminho compreendido entre o conto *Civilização* e o romance *A cidade e as serras*, Eça de Queirós passa de uma narrativa de enredo e personagens simples para outra narrativa de enredo simples, porém de personagens complexos. Mas não se

engane: assim como Jacinto chega à conclusão de que o avanço tecnológico nos causa a ilusão do progresso sem limites, Eça, com maestria, nos causa a ilusão de que *A cidade e as serras* é um romance simples, de críticas amenas e de entendimento superficial.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Eça de Queirós: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

BENJAMIN, Walter B. S. "O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" in _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDIDO, Antônio. "Personagem do romance" in CANDIDO, Antônio et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002, 53-80.

_____. "Entre campo e cidade" in *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia editorial nacional, 1964.

NERY, Antônio Augusto. "Eça de Queirós por Antônio Cândido: 'Entre campo e cidade'" in *Línguas e Letras*. Cascavel, vol.7, n.13, 2º sem. 2006. Disponível em <<http://erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/73>> Acesso em 1º maio 2013.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

_____. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ateliê editorial, 2012.

_____. "Civilização" in SALES, Herberto (Org.). *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 1988, 11-34.

SOUZA, José Carlos Siqueira de. *O romance-ensaio em Eça de Queirós: estudo crítico sobre A ilustre casa de Ramires e A cidade e as serras*. 250 p. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux de. "Entre o campo e a cidade: ou, de uma sabedoria desconhecida" in *Todas as musas*. São Paulo, n. 1, jul. 2010. Disponível em <http://www.todasasmusas.org/03Jose_Luiz.pdf> Acesso em 10 jan. 2013.

TORRES, Alexandre Pinheiro. "A Cidade e as Serras e as falsas soluções sociais do socialismo utópico proudhonista e do socialismo burguês de hoje" in _____. *Ensaio Escolhidos I*. Lisboa: Caminho, 1989, 51-69.